

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Cinta Larga

Data: 06.03.72 Pg.: 25

Funai prevê ataque de cintas-largas porque brancos invadem terras

Brasília (Sucursal) — O território dos cintas-largas continua sendo invadido por homens brancos, e sertanistas da Funai advertiram que, em represália, os índios poderão provocar a qualquer momento novos choques armados na região.

Confirmaram que recentemente um ônibus foi atacado por um grupo de índios, provavelmente cintas-largas, os mesmos que mataram em meados de novembro do ano passado o jornalista Possidônio Bastos e o radiotelegrafista Acrísio Lima, como aviso de que não tolerariam a invasão de suas terras.

Invasão continua

Disseram os sertanistas que pequenos agricultores vêm se instalando no território indígena sob o argumento de que estão fora do Parque do Aripuanã, reservado para os índios. Mas mesmo fora do parque há mais de 20 aldeamentos, principalmente de grupos cintas-largas, todos ainda hostis ao homem branco.

Dentro da área do parque existem algumas aldeias, como a dos suruí, iroquens e zarel, todas elas integrantes da grande nação Cinta-Larga. Foram os iroquens que atacaram o subposto da Fundação Nacional do Índio, às margens do rio Roosevelt, na região Noroeste de Mato Grosso, limítrofe ao Território de Rondônia.

Com mais de mil índios, os iroquens formam o maior aldeamento cinta-larga. Há cerca de 20 cabanas, situadas a mais de 10 quilômetros do acampamento atacado. O aldeamento é também conhecido pelos sertanistas como a "aldeia de cima." A "aldeia de baixo" é a dos zarel, formada apenas por 300 índios. Fica a dois quilômetros do acampamento.

O ataque

Nos primeiros comentários não oficiais divulgados em Brasília sobre o ataque ao subposto, um dos sertanistas contou que no momento havia no acampamento alguns índios zarel. Eles já vinham mantendo contatos mais intensos com a expedição chefiada por Apoena Melreles. No dia do ataque, eles dormiram no acampamento da Funai. Quando notaram a aproximação dos iroquens tentaram sem êxito impedir o massacre.

O primeiro a morrer foi o radiotelegrafista Acrísio. Ele estava sentado à porta do barracão que servia de depósito de armas e munições. Recebeu vários golpes de facão no rosto, costas e barriga. Possidônio, o chefe do subposto, tentou fugir em direção ao campo de pouso. Recebeu um tiro no ombro e duas flechadas nas costas. Caiu, recebendo, então, golpes mortais de facão e bordunas.

Resgate de Acrísio

O ataque começou ao pôr-do-sol. A noitinha, os iroquens atiraram o corpo de Acrísio no rio Roosevelt. O de Possidônio foi jogado ao amanhecer do dia seguinte, sendo encontrado 10 dias depois preso às armas da margem direita do rio.

Espera-se que em maio, com a baixa das águas do Roosevelt, seja resgatado o corpo de Acrísio Lima, pois os iroquens deram informações aos zarel — e estes aos membros da expedição — sobre o local onde poderão encontrar os restos do radiotelegrafista. Segundo um dos sertanistas, o corpo de Acrísio afundou, ao contrário do de Possidônio porque foi todo cortado na barriga. A índia Maria, da tribo Gavião, que estava servindo de cozinheira no acampamento, foi poupada no ataque e está morando atualmente com o irmão do Tuxauá (cacique) zarel Uitamina.

As armas dos cintas-largas

Além de duas carabinas 22, de dois revólveres 38 e cinco espingardas, os cintas-largas levaram do acampamento toda a munição, somando-se às armas recebidas da equipe de pacificação, nas trocas efetuadas em tapiris montados no meio da selva, os sertanistas avalliam que agora eles dispõem de um respeitável armamento moderno.

Na manhã seguinte ao ataque, os iroquens deixaram o subposto após incendiá-lo. Salvaram-se da morte, cinco trabalhadores. Eles serviam no acampamento, mas um dia antes do ataque resolveram abandoná-lo para trabalhar em empresas de mineração. Diziam que ganhavam pouco da Funai. Os servidores enviados para substituí-los foram os primeiros a descobrir o acampamento incendiado, voltando imediatamente para comunicar o fato.

Sem contatos

Os zarel, que foram contrários ao ataque efetuado por seus companheiros da "aldeia de cima", cortaram então todos os seus contatos anteriormente iniciados com a missão de pacificação. Temiam, segundo disseram mais tarde, uma represália generalizada dos brancos contra toda a nação cinta-larga. Só semanas depois procuraram cautelosamente reiniciar os contatos. Foram eles que contaram os detalhes do ataque.

Para demonstrar que não haviam participado do ataque, os zarel chegaram a propor aos brancos uma missão punitiva à aldeia dos iroquens. Em maio, com a diminuição das chuvas, os sertanistas pretendem utilizar os zarel para chegar aos iroquens.

Os iroquens realizaram o ataque sob o argumento de que suas terras estão sendo devastadas por homens brancos. Nos poucos diálogos mantidos anteriormente com membros da expedição, afirmavam que a derrubada da mata (por parte de empresas imobiliárias) havia se iniciado logo depois da chegada do pessoal da Funai. Logo, diziam, havia uma relação entre Funai e empresas imobiliárias. Perguntavam porque os servidores da Funai não retiravam os desmatadores da mesma maneira como haviam conseguido retirar os garimpeiros — "os brancos" — "que procuram pedras que a gente não come."

Os sertanistas consideram necessário que a área do Parque do Aripuanã seja aumentada, para abranger os aldeamentos em redor, sob a alegação de que será muito difícil atrair os índios de fora para dentro:

— Apesar de formarem a grande nação cinta-larga, eles têm dissensões internas e não tolerariam viver juntos numa pequena área.